

## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS ACERCA DO ESTABELECIMENTO DE UMA TIPOLOGIA PARA AS INDÚSTRIAS LÍTICAS RECENTES DO ABRIGO DO MALHADOR (JANUÁRIA - MG)

*Mônica Carsalad Schlobach\**

RESUMO: Analisamos aqui o material lítico proveniente das camadas 0 (Cerâmico Antigo) e 3 (Arcaico) do abrigo do Malhador, a partir da confrontação de dois estudos: o primeiro, de ordem estatística, discute a possibilidade de identificarem-se padrões morfológicos para as lascas inteiras, a partir de três critérios morfométricos (comprimento, largura e espessura). O segundo, tipológico, trata da proposição de grandes grupos de instrumentos. As classes provisórias resultantes de ambos os estudos levam-nos, portanto, a discutir aqui duas características tradicionalmente atribuídas a essas indústrias: a da ausência de padrões morfológicos e a da inexistência de retoques em suas peças.

O material aqui estudado é proveniente de uma sondagem de 4m<sup>2</sup>, realizada em 1981/82 por P. Junqueira, junto ao paredão do abrigo do Malhador (vale do Peruaçu - MG). Como a extensão do abrigo eleva-se a aproximadamente 800 m<sup>2</sup>, trata-se de uma amostra limitada em relação ao conjunto do material lítico potencialmente encontrável no sítio. Com efeito, tal amostra corresponde a parte de uma área de atividades domésticas<sup>1</sup>, a qual evidentemente não esgota as funções que o sítio pode ter tido para o homem pré-histórico.

Tendo em vista a baixa representatividade qualitativa do material estudado, buscamos trabalhar aqui a partir de uma perspectiva metodológica, visando estabelecer critérios de análise condizentes com nossos objetivos de pesquisa, quais sejam, a classificação tecno-tipológica das indústrias do Arcaico e do Cerâmico Recente do abrigo. A apli-

\* M. H. N. - UFMG.

1. Encontram-se nelas fogueiras com instrumentos líticos associados a restos alimentares, bem como buracos de postes.

cação efetiva destes critérios somente se dará num segundo momento, quando dispusermos de um material escavado mais significativo.

Para minorar os efeitos dessa baixa representatividade, optamos por estudar o material das camadas 0 e 3, as mais expressivas, tanto quantitativa (dispomos de um total de 1441 peças - entre lascas, fragmentos de lascas, lamínulas, núcleos e blocos), quanto qualitativamente (uma vez que as camadas arqueológicas se encontravam em níveis *in situ*). Estas camadas não foram datadas. Entretanto, datações foram realizadas para os níveis 2 (4000+-200 BP) e 8 (8500+-400 BP) (cf. Prous *et alli*, 1984), o que nos permite situar a camada 3 no período Arcaico e a camada 0 possivelmente no Cerâmico Antigo do Vale (para essa periodização, cf. Prous 1991 e 1992).

As questões que trataremos neste trabalho se inserem dentro de preocupações primordialmente tecnológicas, mas tratam especificamente de problemas de ordem morfo-tipológica. Com efeito, estaremos nos perguntando sobre a gestão das peças e instrumentos líticos: buscaremos definir mais precisamente o módulo das lascas produzidas e a escolha de certas lascas para tornarem-se instrumentos. Com isso, estaremos procurando verificar até que ponto é válida a caracterização corrente das indústrias arcaicas como desprovidas de padrões morfológicos definidos. Ora, tais reflexões remetem a questões tecnológicas, uma vez que a existência ou não de padrões morfológicos definidos nos informam sobre a concepção e o tratamento dado aos blocos de matéria-prima pelo homem pré-histórico. Na verdade, estaremos aqui caracterizando as concepções do lascador, as quais traduzem os seus objetivos. Somente uma vez definidos estes objetivos, poderemos caracterizar as diversas etapas realizadas para atingi-los.

Para responder a essas questões, é necessário confrontar duas séries de informações: as referentes à morfometria da totalidade das peças debitadas e aquelas concernentes ao padrão morfológico dos instrumentos encontrados. Somente tentando encontrar padrões para cada uma dessas séries e contrapondo tais padrões, a fim de tentar detectar sobreposições entre eles, poderemos definir classes tipológicas para as indústrias estudadas.

Dessa forma, submeteremos um número significativo de peças das coleções em estudo a um tratamento estatístico que vise, por um lado, melhor definir suas características morfométricas a partir de três

variáveis básicas (comprimento, largura e espessura), buscando, ao mesmo tempo, estabelecer classes morfológicas para as lascas inteiras. Paralelamente, tais dados serão confrontados com os referentes às peças retocadas encontradas dentro de tais conjuntos. A partir dessa confrontação, poderemos identificar o que, dentre o que se produziu, efetivamente escolheu-se como instrumento.

## O tratamento estatístico

### *Contagem das peças e estabelecimento de categorias*

Nessa primeira fase, procuramos proceder a uma classificação das peças segundo duas ordens de preocupação: por um lado, era-nos necessário estabelecer grandes categorias tecnológicas que nos permitissem separar as peças que continuariam a fazer parte do nosso estudo (tais como lascas e seus fragmentos, lamínulas e núcleos) daquelas que não pertencem às cadeias operatórias a serem estudadas (peças não debitadas ou irreconhecíveis, devido à ação do fogo<sup>2</sup>). Por outro lado, não se poderia assimilar numa mesma categoria as peças inteiras aos fragmentos, uma vez que somente as primeiras permitem uma classificação morfométrica do material. Dessas considerações resultou uma divisão do material em dez categorias tecno-morfológicas (cf. tabelas 1 e 2). Uma vez definidas as categorias, procedemos à mensuração<sup>3</sup> e contagem do total das peças.

Deve-se observar que tal contagem embute certas distorções, uma vez que os fragmentos são contados como uma unidade. Optamos por super-representá-los para que pudéssemos avaliar se sua porcentagem em relação ao total das peças chegaria a comprometer a validade da análise morfométrica das peças inteiras. Pela leitura das tabelas, percebe-se que, apesar da grande maioria das peças compor-se efetivamente de fragmentos, temos em ambos os casos uma proporção de peças inteiras superior a 10%, o que nos permite considerar que estas últimas constituem uma categoria significativa.

2. A proporção de peças cuja morfologia tornou-se irreconhecível não é significativa o bastante para comprometer nossa análise: 22% para a camada 0 e 15% para a camada 3.
3. Segundo seu eixo de debitagem.

Restam algumas observações importantes. A primeira refere-se às peças corticais, que foram separadas das não-corticais por duas razões: primeiro, para que pudéssemos verificar se encontraríamos diferenças significativas entre sua morfologia e a das peças corticais; segundo, para vermos se as peças não-corticais teriam sido escolhidas preferencialmente para a confecção de instrumentos. Ora, a comparação da porcentagem das peças retocadas corticais e não-corticais mostra, ao contrário, a predominância das lascas corticais na maior parte dos casos. Sua morfologia será analisada no item 2.2, mas podemos adiantar que, haja visto o grande número de peças corticais presente (além dos instrumentos corticais), não parece ter havido descorticação sistemática dos blocos no local escavado, o que aponta para a ausência de uma diferenciação marcada entre essas duas categorias.

Por outro lado, não foram encontradas lascas inteiramente corticais. Tal informação, aliada à baixa frequência dos núcleos e à ausência de lascas de preparação ou de retoque, mostra-nos que na área escavada não foi realizado o lascamento destes núcleos.

Uma última observação refere-se ao que chamamos nas tabelas I e II de “lascas posteriormente debitadas”. Trata-se de lascas espessas, das quais foram retiradas novas lascas – que talvez sejam retoques, ou o produto final desejado. Tais lascas espessas formam uma categoria intermediária entre núcleos e lascas, constituindo assim o grupo número 8 dessas tabelas.

Passemos à análise da proporção dos instrumentos nas duas camadas em estudo. Consideramos como instrumentos “provisórios” tanto as peças retocadas quanto aquelas onde vimos o que acreditamos serem macro-traços de utilização. Tais peças serão submetidas, num segundo momento, à análise micro-traceológica, visando confirmar (ou não) tal hipótese. Se somarmos a porcentagem das peças retocadas à das possivelmente utilizadas, chegamos a um total de 9,32% do total das peças para a camada c0 e de 3,9% para a camada c3. Na verdade, a diferença entre elas deve-se à quase ausência de peças “utilizadas” em c3, uma vez que a porcentagem de peças retocadas se situa em torno de 3% em relação ao total para os dois casos. Tal porcentagem, embora maior do que o esperável (tendo em vista a descrição tradicional dessas indústrias – cf. Prous, 1992), aponta para a necessidade de se buscarem novos critérios de reconhecimento dos instrumentos

**Tabela I**  
**Contagem das peças segundo grandes categorias tecno-morfológicas**  
**ABRIGO DO MALHADOR**  
**Nível 0**

Categoria	Nº de peças	%	Nº peças retoc.	% relação categ.	% rel. peças retoc.	relação total	Nº peças utiliz.	% relação categ.	% rel. peças util.	% relação total
1- Lascas cort./diapl. corticais	26	6,56	-	-	-	-	5	19,23	21,74	1,26
2- Lascas não corticais	32	8,10	1	3,1	7	0,25	10	31,25	43,48	2,52
3- Fragtos. lascas queimadas	49	12,37	7	14,29	50	1,76	3	6,12	13,05	0,75
4- Fragtos. blocos/diapl. queimados	31	7,82	-	-	-	-	-	-	-	-
5- Fragtos. blocos/ queimados	8	2,02	-	-	-	-	-	-	-	-
6- Fragtos. lascas corticais	29	7,32	5	17,24	35,7	1,26	3	10,34	13,05	0,5
7- Fragtos. lascas não corticais	206	52,02	1	0,5	7	0,25	2	0,97	8,70	0,50
8- Lascas p. debilitadas	8	2,02	-	-	-	-	-	-	-	-
9- Laminulas	2	0,50	-	-	-	-	-	-	-	-
10- Núcleos	5	1,26	-	-	-	-	-	-	-	-
	396	100	14	-	-	3,52	23	-	-	5,8

**Tabela II**  
**Contagem das peças segundo grandes categorias tecno-morfológicas**  
**ABRIGO DO MALHADOR**  
**Nível 3**

Categoria	Nº de peças	%	Nº peças retoc.	% relação categ.	% relação peças retoc.	% relação total	Nº peças utilizadas	% relação peças categ.	% relação peças util.	% relação total
1- Lascas cort./diapl.	48	4,59	5	10,41	20	0,48	5	10,41	31	0,48
2- Lascas não corticais	52	4,97	6	11,53	2,4	0,57	1	1,92	6	0,09
3- Fragtos. lascas queimadas	60	5,74	2	3,33	8	0,19	1	1,66	6	0,09
4- Fragtos. blocos/queimadas	85	8,13	—	—	—	—	—	—	—	—
5- Fragtos blocos/diapl. não queimados	12	1,15	—	—	—	—	—	—	—	—
6- Fragtos. lascas corticais	36	3,44	8	2,22	32	0,76	4	11,11	25	0,38
7- Fragtos. lascas não corticais	744	71,20	4	0,54	16	0,38	4	0,54	25	0,38
8- Lascas p. debilitadas	4/	0,38	—	—	—	—	—	25	6	0,09
9- Lamínulas	1	0,09	—	—	—	—	—	—	—	—
10-Núcleos	3	0,29	—	—	—	—	—	—	—	—
TOTAL	1045	100	25	—	—	2,39	16	—	—	1,51

dessas indústrias, tal como o proposto para as peças utilizadas. Por outro lado, em termos absolutos, dispomos de um número de instrumentos suficiente para que possamos, desde já, comparar sua morfologia com a do total das peças produzidas. É o que faremos a seguir.

### *Caracterização morfométrica das lascas: análise dos histogramas*

Para caracterizar a morfometria das peças produzidas, tomamos as categorias de lascas inteiras (n.<sup>o</sup> 1 e 2 das tabelas I e II), e tratamos suas medidas de comprimento, largura e espessura segundo o método estatístico preconizado por Toledo (1983), de forma a obter histogramas para cada uma dessas medidas. Tais histogramas são reproduzidos nas figuras I e II.

Na figura I são representados os histogramas da camada 0, sendo que os três superiores referem-se às lascas não corticais e os inferiores às lascas corticais. Em negrito, temos os histogramas dos instrumentos identificados em cada categoria de lascas. As medidas médias (M) também estão indicadas.

O primeiro histograma, do comprimento das lascas não corticais, apresenta-se deslocado para a esquerda em relação à média (2,8 cm). Logo, predominam as lascas menores do que essa medida. O mesmo não se dá com as lascas corticais. Aqui, a média (3,0 cm) encontra-se no interior da classe melhor representada, havendo ao contrário um deslocamento do gráfico para a direita. Verificamos assim que nesse caso a média é representativa do comprimento de um número maior de lascas do que no primeiro histograma. Quanto à comparação dos comprimentos dos dois grupos analisados, percebe-se que tanto a média quanto a freqüência das peças nas classes criadas mostram uma maior dimensão e maior heterogeneidade das lascas corticais, o que significa uma menor variabilidade no comprimento das lascas não corticais (o qual concentra-se entre 1,2 e 3,6 cm).

De maneira interessante, nota-se que estas mesmas observações são válidas para os histogramas de comprimento da camada 3. Com efeito, a figura II pode ser sobreposta à primeira, mostrando resultados similares. Aqui, entretanto, é preciso ter cautela, pois a variabilidade da morfologia das lascas é bem maior. No entanto, só poderemos avançar afirmações mais conclusivas quanto à homogeneidade da

morfologia das lascas a partir de gráficos de correlação, o que faremos no próximo item.

Quanto à largura das lascas em estudo, observa-se de maneira geral uma maior dispersão das medidas. Com efeito, ainda que as lascas não corticais da camada 0 apresentem uma variação menor em relação às outras (entre 1,4 e 3,0 cm para a maioria das peças), vemos por outro lado que as lascas se repartem por várias classes, de forma que a média aqui não significa muita coisa. Percebe-se portanto que, segundo as figuras estudadas, não parece ter havido uma busca preferencial por uma determinada largura das peças. Por outro lado, pode ter havido mais de um padrão métrico desejado no caso da espessura. Isso também será verificado com os gráficos de correlação.

Finalmente, quanto à espessura das lascas em estudo, nota-se ao contrário que obedecem a um padrão bem definido, exceto para as lascas corticais de c0. Ainda aqui, é interessante notar a correspondência entre os histogramas referentes às lascas corticais de c0 e de c3. Com efeito, em ambos os casos constata-se uma predominância nítida das lascas pouco espessas (entre 0,1 e 0,6 cm), seguidas por uma quantidade nitidamente menor de lascas um pouco mais espessas (entre 0,6 e 1,0 cm). Afirma-se portanto a predominância de lascas finas, em conformidade com a tendência dos comprimentos, onde predominam as lascas menores. A mesma observação é válida para as lascas corticais de c3.

Conclui-se da análise dos histogramas da totalidade das lascas inteiras que, com exceção do comportamento aparentemente aleatório das espessuras das lascas, observa-se uma nítida correspondência entre os resultados dos histogramas das camadas 0 e 3, especialmente no que se refere às lascas não corticais de ambos. Ora, é justamente na feitura de tais lascas que se supõe ter havido uma busca de controle morfológico por parte do homem pré-histórico. Portanto, nossos resultados parecem indicar que, por trás da aparente variabilidade morfológica das peças das coleções analisadas, alguns padrões morfológicos pareceriam apresentar-se. Entretanto, devido ao problema de representatividade quantitativa mencionado na introdução, esses resultados estão sujeitos a reavaliação, e só serão confirmados no momento em que tivermos analisado de um número maior de peças.

Resta-nos analisar de que forma se comportam os instrumentos

obtidos a partir dessas lascas em relação ao conjunto dessas últimas. Buscaremos aqui detectar o padrão morfológico das lascas transformadas em instrumentos, e verificar até que ponto ela corresponde ao da totalidade das lascas.

Observa-se, através da análise da totalidade dos histogramas, que o padrão morfológico dos instrumentos é, de uma maneira geral, maior do que o padrão médio da totalidade das peças. Com efeito, a observação tanto dos histogramas de comprimento (excetuando-se as lascas corticais da c0), quanto dos de espessura das lascas e, em menor medida, dos de largura, aponta para uma escolha de lascas maiores e mais espessas para a feitura dos instrumentos do que a média das lascas existentes. Isto é condizente com a nossa observação preliminar das peças, onde observamos a ocorrência freqüente de instrumentos grandes e espessos. A ausência de correspondência do padrão dos instrumentos com o que se observa ao nível da largura dos mesmos é, por sua vez, coerente com a prática já mencionada de obtenção de alguns instrumentos, as lascas posteriormente debitadas, a qual consiste na fragmentação de um dos gumes dos mesmos, via de regra o esquerdo.

Todavia, esses resultados podem ser afinados com o estudo de gráficos de correlação das variáveis analisadas, o qual pode ou não confirmar a validade das hipóteses propostas até agora. É a esse teste que nos dedicaremos a seguir.

### *Os gráficos de correlação e os padrões morfométricos das lascas*

Analisaremos aqui os quatro gráficos que compõem a figura III. Os dois primeiros concernem à camada 3, sendo que o primeiro relaciona comprimento e largura e o segundo, comprimento e espessura. Neles, os pontos se referem às peças corticais e os "x" às não corticais. Os instrumentos estão em negrito. Essas observações valem também para os gráficos localizados abaixo dos dois primeiros, que tratam da camada 0.

As peças corticais da camada 3 apresentam uma área de concentração nítida, onde o comprimento se situa a 2,5 cm e a largura varia entre 2 e 3 cm. Já as peças não corticais, que em geral são menores do que as primeiras, como já havíamos mencionado, concentram-se antes em torno dos valores de 1,2 cm para o comprimento e de 1 a

2,5 cm para a largura. Percebe-se aqui a mesma tendência de não padronização da largura, que também está de acordo com nossas análises anteriores.

Se compararmos estes dados com os referentes ao nível 0, perceberemos que a configuração deste último é bem menos definida, o que pode se dever ao número bem mais reduzido de peças estudadas neste caso do que no primeiro. Desta forma, não encontramos aqui concentração clara de peças corticais. Já as lascas não corticais parecem concentrar-se em torno de 2 cm para o comprimento e de 2 a 3 cm para a largura. Tal resultado também confirma nossas observações anteriores, quanto à existência de um padrão morfológico melhor definido para as lascas não corticais.

Quanto às tabelas que relacionam comprimento e espessura, observamos aqui uma dispersão consideravelmente menor quanto ao eixo das abscissas, especialmente entre 0 e 0,8 cm, conforme já havíamos mencionado. A área de concentração de lascas corticais não é muito evidente, parecendo se situar entre 1,8 e 2,5 cm para o comprimento e 0,4 e 0,7 cm para a espessura. Já a área de concentração das lascas não corticais é bastante nítida: entre 0,7 e 1,6 cm para o comprimento e entre 0,1 e 0,4 cm para a espessura. Uma segunda área parece se delinear logo acima, com o comprimento variando de 1,8 a 2,5 cm e a espessura de 0,3 a 1,0 cm.

Quanto às áreas de concentração do nível 0, elas continuam indefinidas para as peças corticais, porém são mais claras para as não corticais, as quais parecem se agrupar entre 1,8 e 2,8 cm para o comprimento e entre 0,1 e 0,6 cm para a espessura. Também neste caso percebemos a menor dispersão das peças não corticais em relação às corticais, o que mais uma vez confirma nossas observações anteriores.

Devemos agora comparar as áreas de concentração encontradas para as peças não corticais das camadas 3 e 0, a fim de verificar se elas obedeceriam ou não a um padrão morfológico comum, ou a padrões apresentando alguma superposição. Em se tratando de concentrações claras, estaremos aqui diante de padrões definidos, comuns para as duas camadas.

Primeiramente, quanto aos gráficos relacionando comprimento e largura. Já vimos que a largura não constitui uma variável coesa o bastante para definir áreas de concentração evidentes, resultando daí

que os gráficos 1 e 3 não nos forneceram resultados claros. Por outro lado, as áreas de concentração definidas nos gráficos 2 e 4 são bastante visíveis, e se sobrepõem de maneira quase total. Dessa forma, podemos definir um padrão morfológico comum às duas camadas, que se estende de 1,3 a 2,5 cm para o comprimento e de 0,1 a 0,7 cm de espessura. Trata-se, naturalmente, de um padrão a ser testado quando dispusermos de um material mais numeroso. Porém, desde já, ele serve como referência a ser testada em nossos estudos.

Finalmente, resta a considerar como se apresenta a morfologia dos instrumentos nos gráficos em estudo, e analisar em que medida ela se adequa aos padrões detectados. A análise do primeiro e do terceiro gráficos, que relacionam comprimento e largura das lascas das camadas 3 e 0 respectivamente, mostra padrões morfológicos dos instrumentos bastante superiores aos das concentrações das lascas brutas. Quanto à existência de instrumentos maiores do que o padrão predominante das lascas, ela é condizente com nosso estudo anterior (Schlobach, 1992), onde assinalamos a existência de um grupo de lascas maiores, muitas vezes transformadas em instrumentos robustos, ao lado do conjunto majoritário de lascas menores. Entretanto, ainda é necessário entender o que significa a ausência de instrumentos no interior da área de concentração das lascas. Já vimos anteriormente que a largura das peças não traduz padrões métricos precisos. Tal ausência de instrumentos parece reforçar esta afirmação. Porém, não responde satisfatoriamente à nossa questão.

Quanto aos gráficos 2 e 4 da figura III, observa-se igualmente a existência dos instrumentos robustos, porém aqui aparecem também instrumentos no interior das áreas de concentração das lascas, e que portanto obedecem ao padrão morfológico detectado. Isso, por um lado, coaduna-se com nossa hipótese sobre uma busca de peças que apresentassem uma morfologia determinada quando da feitura desses instrumentos, mas por outro lado não constitui uma prova conclusiva, uma vez que estes instrumentos são pouco numerosos, e minoritários em relação ao total. O que, pois, esta discrepância entre as áreas de concentração e a efetiva utilização dessas lascas para a fabricação de instrumentos pode significar?

Em primeiro lugar, pode-se naturalmente supor que não haja uma correspondência efetiva entre as áreas de concentração detectadas e as

intênções dos lascadores. Tais concentrações seriam, portanto, “fortuitas” ou artificiais. Tal hipótese só poderá ser testada posteriormente, quando dispusermos de um material mais importante numericamente.

Entretanto, se analisarmos as categorias de onde provém a maioria dos instrumentos das camadas 0 e 3 (tabelas I e II), perceberemos que os instrumentos aqui analisados (correspondentes às categorias de lascas inteiras) não nos dão uma visão representativa da morfologia utilizada para a feitura da maior parte dos instrumentos. Dessa forma, propomos ainda duas razões para que não tenhamos encontrado uma correspondência entre o padrão das lascas brutas e o dos instrumentos: Primeiro, porque o controle da morfologia das lascas pode ter-se feito não no momento de sua obtenção, mas de seu tratamento posterior (como quando de sua fragmentação intencional). Segundo, porque talvez seja necessário reconstituir a morfologia inicial destes instrumentos fragmentados para que se possa verificar tal correspondência. Tal procedimento (de reconstituição desses caracteres morfológicos) nos parece, atualmente, de difícil realização, pois, até o momento, não dispomos de critérios para proceder ou para avaliar tais reconstituições. Entretanto, a escolha de qual das duas pistas mencionadas seguiremos dependerá do que uma análise de um material complementar recentemente escavado<sup>4</sup> nos informará quanto às intênções de lascamento do homem pré-histórico.

## Descrição dos tipos provisórios

Conforme já dissemos, pudemos encontrar um número de peças retocadas maior do que o esperado. Tais peças foram agrupadas provisoriamente em conjuntos (ou grupos) tipológicos, de acordo com a morfologia geral de seus retoques. Dessa forma, colocamos num mesmo grupo todas as lascas que apresentavam uma escotadura (e num outro grupo todas as que possuíam um gume denticulado, e assim por diante), sendo que tal morfologia pode resultar de seqüências de gestos diferentes nas diferentes peças analisadas. Conseqüentemente, os tipos propostos apresentam grande variedade, tanto quanto à morfologia dos

4. Em outubro último, escavamos 3 m<sup>2</sup> em continuação à sondagem aqui analisada.

suportes quanto à forma de feitura dos retoques. Deve-se assinalar também que a atribuição de tais tipos não significa que estejamos inferindo quaisquer proposições quanto ao objetivo final do lascador ser a obtenção de tais gumes<sup>5</sup>.

Em primeiro lugar, destacamos o que denominamos, na ausência de um termo mais apropriado, lascas posteriormente debitadas. Elas correspondem à prática já mencionada de retiradas de lascas a partir de uma lasca espessa (portanto, “debitada”), do que resulta um novo gume, denticulado ou com escotadura (cf. n.º 159 – prancha I).

Um primeiro grupo de peças é formado pelo grupo de peças com escotadura. Dispomos em geral de fragmentos destas peças, o que nos dificulta a identificação da morfologia de seu suporte. Entretanto, pudemos notar que em princípio elas não são feitas a partir de lascas grandes ou espessas. Quanto à obtenção da escotadura, ela varia de retiradas de lascas maiores (formando grandes concavidades, de “tipo clactoniense”) a retiradas menores, por vezes cobertas por finos retoques regulares (cf. n.º 61 e 51, prancha I; n.º 21,43 e 108, prancha III).

Em seguida, o grupo de denticulados é formado por um conjunto mais heterogêneo de peças. Com efeito, seu suporte pode variar de grandes lascas espessas a fragmentos de lascas médias (mas ainda espessas) a lascas menores e finas. Também a forma de obtenção do gume denticulado apresenta alguma variabilidade, podendo corresponder a retiradas de lascas de morfologias semelhantes, formando gumes regulares, ou a retiradas bem menos regulares, formando gumes bem menos definidos. (cf. n.º 36 e 79, prancha I; e n.º 92 e 96, prancha III).

Na camada 0, encontramos igualmente lascas, em sua maioria espessas, que foram debitadas de forma a se obterem instrumentos longos e pontiagudos (cf. prancha II). Tais peças possuem em alguns casos um desgaste compatível com sua utilização como furadores. Entretanto, enquanto aguardamos os resultados da análise micro-traecológica, elas serão chamadas aqui lascas pontudas.

Além dessas peças, encontramos também fragmentos de raspadeiras e raspadores, segundo as definições de Laming-Emperaire (1967) e Prous (1986-90). De maneira geral, elas são obtidas a partir

5. Uma vez que tais morfologias podem resultar da intenção de obtenção das lascas que são retiradas quando se produzem tais gumes.

de lascas médias e pouco espessas, e seu retoque é fino e regular (cf. n.º 24 e 43, prancha I e n.º 45, 95 e 14, prancha IV).

Por último, foi encontrada uma peça que sofreu estilhaçamento posterior a seu lascamento em parte de um dos gumes, que ultrapassa uma das faces, estendendo-se à face oposta (cf. n.º 38, prancha III). Entretanto, como essa peça está fragmentada, não podemos comprovar que se trata de um trabalho bipolar. Por enquanto, registramos tal ocorrência, e aguardamos que novos casos venham a confirmar tal trabalho.

Restam as peças brutas (não pontudas) possivelmente utilizadas, que constituem o último grupo tipológico proposto. Tal categoria resulta da observação de macro-vestígios característicos, que formam estigmatas contínuos e regulares, bem diferentes dos gumes alterados por pisoteamento, os quais são irregulares e formados em superfícies bem mais finas e frágeis do que os gumes geralmente espessos das peças analisadas (cf. n.º 7, 4, 10 e 45 da prancha II e n.º 46, 83 112 da prancha III). Entretanto, tal grupo de instrumentos será também submetido à análise traceológica, que visará verificar a validade de tal critério.

De toda maneira, apresentamos aqui grupos que deverão ser repensados, subdivididos e reavaliados a cada vez que dispusermos de novo material a analisar. Afinal, dispomos apenas de um ou dois exemplos de manufatura para cada peça presente em cada tipo de instrumento (se levarmos em consideração tanto a morfologia de seu suporte quanto a seqüência de gestos empregada em seu retoque). O que é absolutamente insuficiente para avaliarem-se as intenções de debitage presentes em uma indústria.

## Conclusão

O estudo aqui realizado visou refletir sobre a validade das afirmações com que nos defrontamos freqüentemente quando lemos caracterizações das indústrias estudadas. Buscamos rever tais caracterizações a partir de uma análise estatística da morfologia das lascas inteiras produzidas em duas coleções e de uma identificação paralela dos seus instrumentos.

Ao fim desse estudo, acreditamos poder reavaliar algumas dessas afirmações. Em primeiro lugar, os instrumentos identificados na camada 3 (correspondente ao Arcaico Recente ou, no máximo, Médio) não condizem com a caracterização dessas indústrias como desprovidas de instrumentos retocados. Na verdade, tais retoques não são extremamente comuns, mas por outro lado não são raros o bastante para justificar tal caracterização. Verifica-se, por outro lado, que os casos mais comuns de instrumentos são constituídos por fragmentos de lascas retocadas, as quais muitas vezes não são identificáveis sem um exame cuidadoso que vise encontrá-las.

Ainda quanto aos instrumentos, propomos aqui oito grandes grupos de instrumentos, que deverão ser revistos e redivididos quando dispusermos de uma coleção mais significativa, que nos informe melhor sobre a reincidência e frequência desses tipos de instrumentos.

Quanto à morfologia das lascas, chegamos aqui à proposta de um padrão predominante de lascas, em especial as não corticais, onde as variáveis significativas são o comprimento (cujas medidas variam entre 1,3 e 2,5 cm) e a espessura (que se situa entre 0,1 e 0,7 cm). Tal padrão será uma referência para nossa análise futura, a qual poderá confirmá-lo, corrigi-lo, ou negar sua validade.

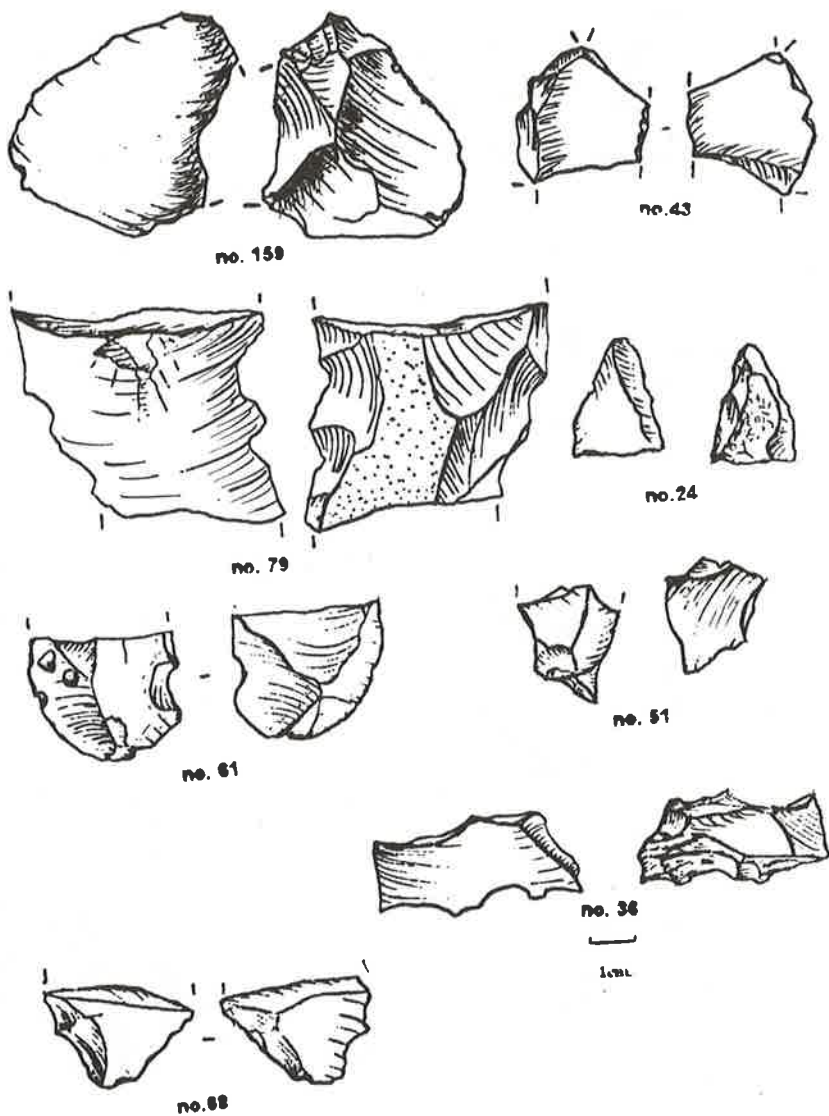
Entretanto, este padrão encontrado para a morfologia das lascas inteiras não corresponde à morfologia dos instrumentos encontrados nessa categoria. A explicação para tal discrepância pode residir em várias hipóteses, podendo sugerir ou que a categoria analisada não nos permite reconstituir o verdadeiro padrão dos suportes desses instrumentos (uma vez que a maioria deles se encontra na categoria dos fragmentos), ou que a morfologia dos instrumentos talvez se defina não no momento da retirada das lascas, mas sim em um momento posterior, onde elas são fragmentadas e/ou “retocadas”. No momento, ambas as hipóteses nos parecem igualmente válidas. Resta-nos testá-las em coleções mais numerosas.

**ABSTRACT:** *Methodological considerations on establishing a typology for recent lithic industries in the Malhador rockshelter (North Minas Gerais)* – In this paper, we study the lithic objects found in layers 0 (Ancient ceramic) and 3 (Archaic) from the Malhador rockshelter, by using two procedures: the first one is statistic, and discusses the possi-

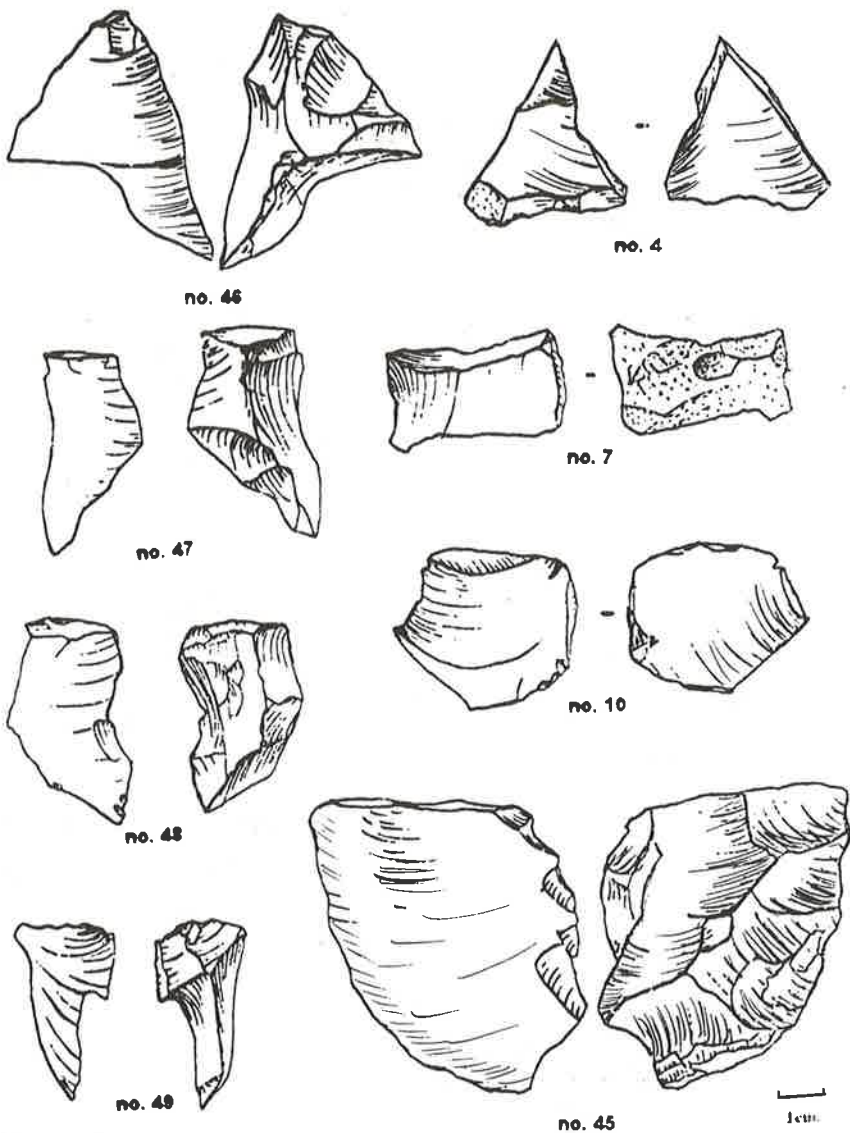
SCHLOBACH, M. C. Considerações metodológicas acerca do estabelecimento de uma tipologia para as indústrias líticas recentes do Abrigo do Malhador (Januário - MG). *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2):65-86, 1994-95.

bility of identifying morphological patterns concerning the whole flakes, taking in account three morphometric variable: length, width and thickness. The second one, typological, consists on the proposal of wide groups of instruments. The provisional classes resulting from both studies lead is to discuss, therefore, two characteristic traditionally associated to these industries: the one concerning the absence of morphological patterns in them and the one referring to the non-existence of rebouched instruments in these industries.

Prancha 1 - Tipos de instrumentos do Abrigo do Malhador - Camada 0.



Prancha 2 - Tipos de instrumentos do Abrigo do Malhador - Camada 0.



Prancha 3 - Tipos de instrumentos do Abrigo do Malhador - Camada 3.

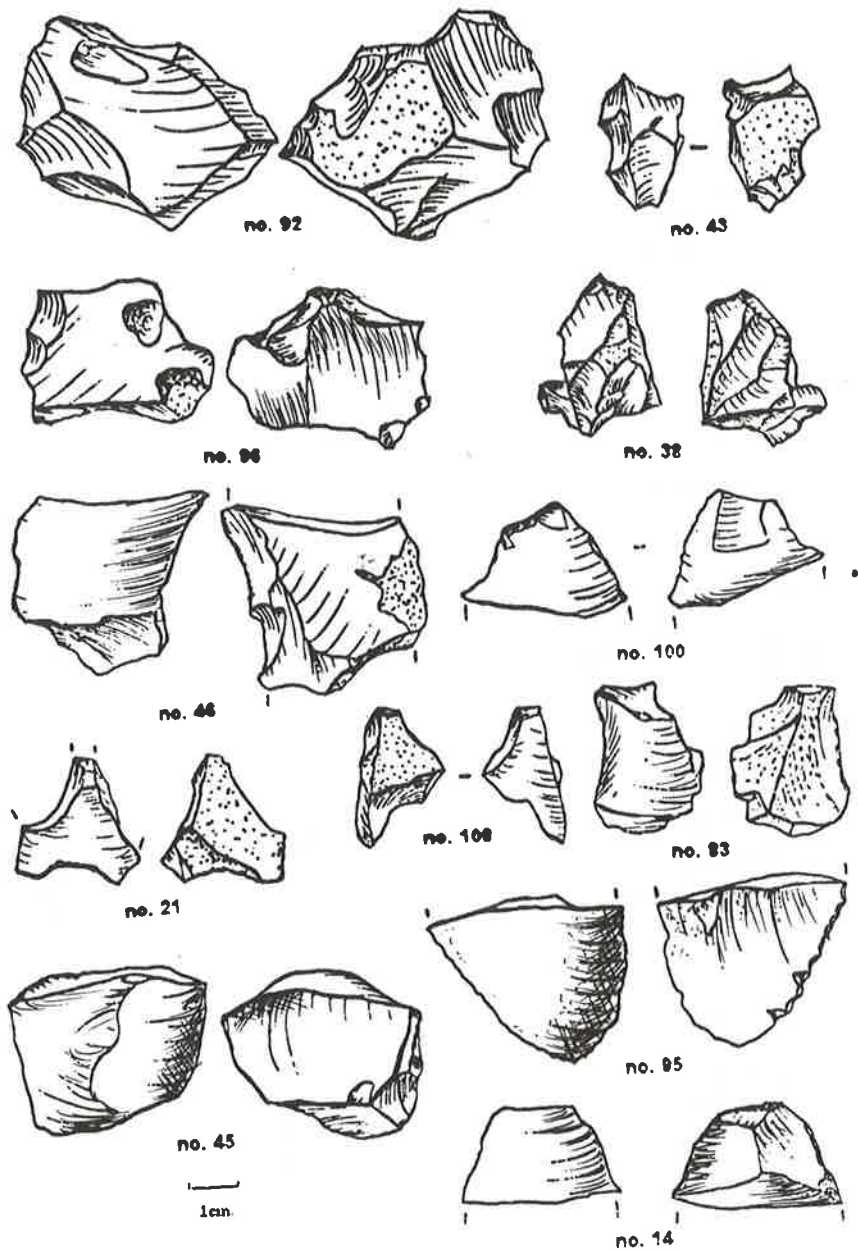


Figura I: Histogramas de comprimento, largura e espessura das lascas não corticais e corticais da camada 0.

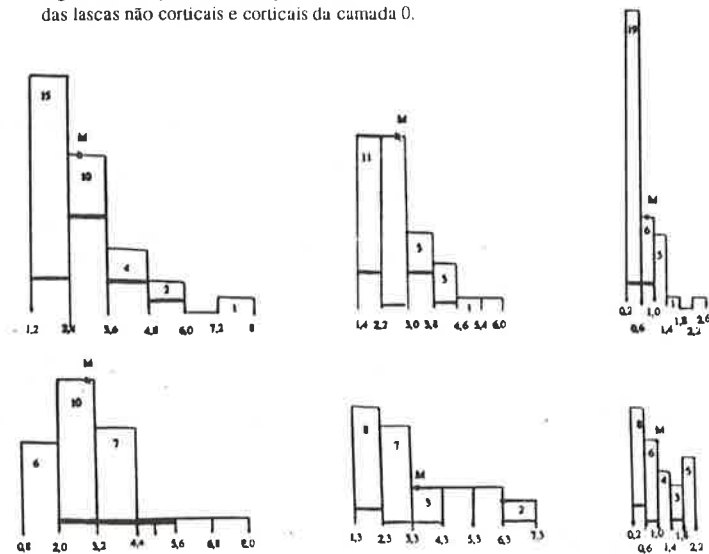


Figura II: Histogramas de comprimento, largura e espessura das lascas não corticais e corticais da camada 3.

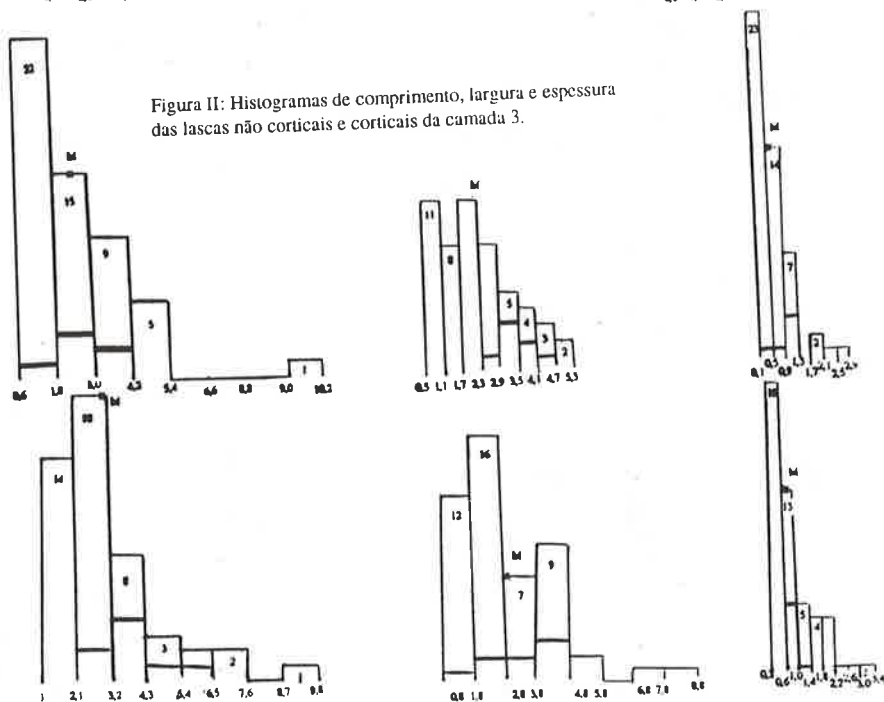
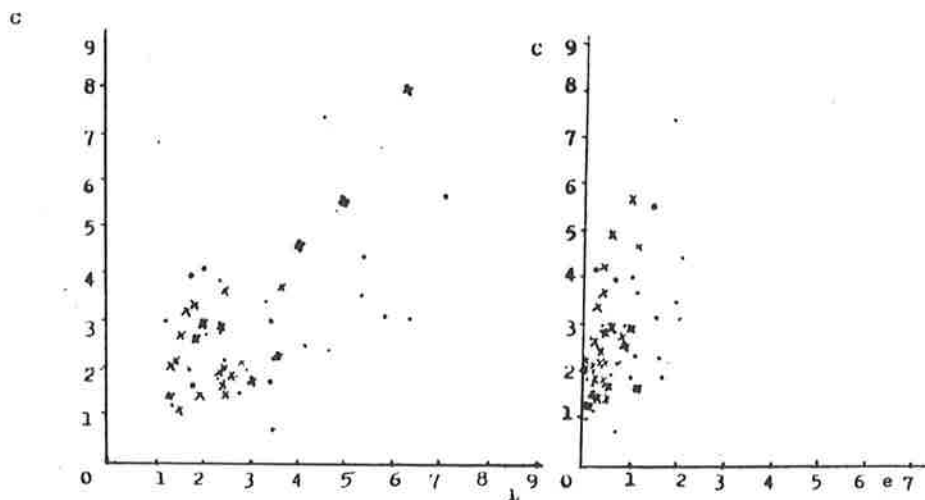
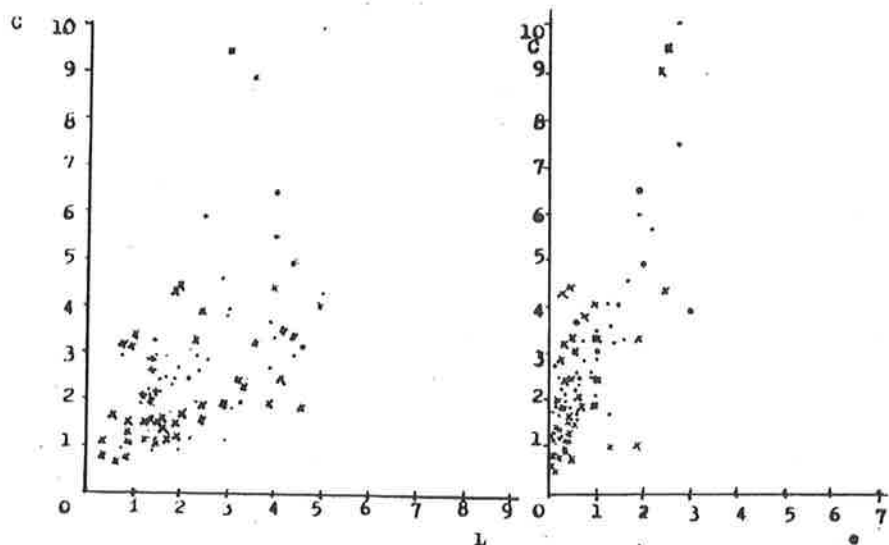


Figura III: Gráficos de correlação entre o comprimento e a largura das lascas corticais e não corticais das camadas 3 e 0.



SCHLOBACH, M. C. Considerações metodológicas acerca do estabelecimento de uma tipologia para as indústrias líticas recentes do Abrigo do Malhador (Januário – MG). *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2):65-86, 1994-95.

## Bibliografia

- BARBOSA, A.S. *O Arcaico em Goiás*. In: Arquivos do Museu de História Natural. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1981-1982.
- DIAS & CARVALHO. *Discussões sobre o início da agricultura no Brasil*. In: Arquivos do Museu de História Natural. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1981-82.
- LAMING-EMPERAIRE, A. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Centro de Pesquisas Arqueológicas da UFPR, Curitiba, 1967.
- MILLER JR., T. O. *Sugestões para uma tipologia lítica para o interior sul do Brasil*. In: Pesquisas, S. Leopoldo, 1968.
- PROUS, A. *A Lapa do Boquete*. Relatório de pesquisas dirigido à FAPEMIG. Mimeo, Belo Horizonte, 1991.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Ed. UnB, Brasília, 1992.
- PROUS, A. *As indústrias líticas e cerâmicas no estado de Minas Gerais: dificuldades de interpretação*. In: Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte, 1981-82.
- PROUS, A. *Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios*. In: Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte, 1986-90.
- PROUS, A. et alli. *Arqueologia do Alto Médio São Francisco: região de Januária e Montalvânia*. In: *Revista de Arqueologia*, v.2, no. 1. Ed. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1984.
- SCHLOBACH, M.C. *La question de la stabilité des industries lithiques de l'Archaique au Céramique Ancien au nord du Minas Gerais (Brésil): approche technologique*. Mimeo, Paris, 1992.
- TOLEDO, G. L. & OVALLE, I.I. *Estatística Básica*. Ed. Atlas, São Paulo, 1983.
- UCHÔA, D. P. & DIAS JR., O. F. *O Arcaico*. In: CARVALHO, E. A Pesquisa do Passado. Arqueologia no Brasil. Boletim série catálogos no. 3. IAB. Rio de Janeiro, set. 1987.